

# MATERIAL DIDÁTICO

---

Programa Educativo  
Fundação Iberê Camargo

## Paulo Pasta

a pintura é que é isto

O crítico Ronaldo Brito, no texto “O moderno e o contemporâneo (o novo e o outro novo)”, escreve que, no início do século passado, diante da nova produção artística que então se processava, surgia a “inevitável pergunta: *isto é arte?* Não, senhoras e senhores, a arte é que é *isto*. Qualquer *isto*. Um isto problemático, reflexivo, que é necessário interrogar e decifrar”.

Para o autor, a arte naquele período passava por tal transformação que os paradigmas que orientavam as vertentes principais da arte ocidental foram pulverizados. A partir dessa nova realidade, e no limite, cada obra de cada artista tenderia a constituir seus paradigmas e, a partir daí, se configuraria como uma demonstração (quase sempre crítica) do que era a arte ou do que a arte poderia ser.

Essas considerações sobre o texto de Brito despontaram por ocasião do exame da produção mais recente de Paulo Pasta, durante o processo de escolha das obras que acabariam por constituir esta exposição. “A pintura é que é isto”, parecem proferir todas e cada uma das obras apresentadas na mostra, e tal postura obriga o observador a se interrogar sobre a produção do artista, no território mais geral da crise da pintura na atualidade

**Tadeu Chiarelli**  
Curador da exposição

## Biografia

### Paulo Pasta (1959)

Paulo Augusto Pasta nasceu em Ariranha, interior de São Paulo, em 1959. Começou a pintar com 12 anos, encantado pelos fascículos da coleção Gênios da Pintura que a mãe comprava. A cada sete dias, Paulo conhecia um novo pintor: “comecei a gostar da pintura através da pintura, copiando Cézanne, Matisse”,<sup>1</sup> explica o artista. Desde 1977, vive e trabalha em São Paulo. Após sua graduação em Artes Plásticas pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 1983, Paulo atuou como arte-educador na Pinacoteca do Estado de São Paulo. O artista dedicou-se também à pesquisa acadêmica em artes plásticas, concluindo em 2002 o mestrado em Artes pela ECA-USP, com orientação de Carlos Fajardo, e, em 2011, o doutorado em Artes Visuais na mesma instituição, com orientação de Marco Giannotti. Foi professor universitário, além de ministrar aulas de desenho e pintura em cursos livres.

Após a montagem de seu primeiro ateliê com o artista Felipe Andery, em 1984, produz a exposição “Da Paisagem e da Figura”, com Cláudio Mubarac, na qual apresenta sua série de paisagens de canais feitas com lápis de cor, guache e óleo sobre tela. Nos anos seguintes, aparecem em sua pintura paisagens urbanas e grandes figuras humanas. No final da década de 80, Pasta começa a utilizar cera em suas pinturas, em princípio como um elemento autônomo e, posteriormente, misturada à tinta. Em 1988, recebe a Bolsa Emile Eddé de Artes Plásticas e, no ano seguinte, apresenta oito trabalhos produzidos com o auxílio da bolsa no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. O aumento do tamanho de suas telas fica evidente a partir dos trabalhos desse período.

Nas décadas seguintes, o artista desenvolve uma produção em pintura pautada pela pesquisa sobre a cor e a organização do espaço pictórico a partir de formas esquemáticas que ficam no limite entre a figuração e a abstração. Assim são as figuras arredondadas das séries de cacos e piões e as faixas verticais e horizontais que recortam suas telas nas séries de colunas, lápis e, posteriormente, vigas e cruzeiros. Nessas obras, a diferença entre fundo e figura é sutil, podendo ser percebida apenas por uma diferenciação mínima da cor, pelo número de camadas aplicado em cada forma e pelo gesto da pincelada.

Entre suas exposições mais recentes, estão as mostras individuais “Fortuna” (2006), na Pinacoteca do Estado de São Paulo, “Silêncio da Pintura” (2008), na Galeria Art Lounge, em Lisboa, “Paulo Pasta”, no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro, e “Sobrevivíveis” (2011), no Centro Cultural Maria Antonia.

## Referências

CALZAVARA, Ana. “Três pintores contemporâneos: Paulo Pasta/ Sean Scully/ Luc Tuymans”. In: *ARS (São Paulo)* [online], vol.6, n.12, jul/dez 2008, pp. 47-67.

CANONGIA, Ligia (Org.). *Anos 80: embates de uma geração*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2010.

CHIARELLI, Tadeu. *Paulo Pasta: a pintura é que é isto*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2013.

CHIARELLI, Tadeu; et al. *Paulo Pasta*. São Paulo: Cosac Naify, Pinacoteca, 2006.

PASTA, Paulo. *A Educação pela pintura*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

### Vídeos

A COR da criação: Paulo Pasta. Instituto Arte na Escola; autoria de Silvia Sell Duarte Pillotto, coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006, 23 min, cor, DVD. (Material educativo para professor-propositor disponível em [http://artenaescola.org.br/uploads/dvdteca/pdf/arq\\_pdf\\_62.pdf](http://artenaescola.org.br/uploads/dvdteca/pdf/arq_pdf_62.pdf))

### Internet

[www.artenaescola.org.br](http://www.artenaescola.org.br)

[www.itaucultural.org.br](http://www.itaucultural.org.br)

[www.galeriamillan.com.br](http://www.galeriamillan.com.br)

## Atividades

Sugerimos aqui algumas atividades a partir da exposição “Paulo Pasta. A pintura é que é isto”. As propostas não estão organizadas por faixa etária, cabendo ao professor escolher aquelas que julgar mais adequadas ao grupo com o qual irá trabalhar.

### 1. Variações de uma cor

Peça que cada aluno feche os olhos e imagine, por alguns segundos, uma cor diferente das que eles costumam utilizar em seus trabalhos de arte. Eles podem tomar como ponto de partida a lembrança de uma paisagem ou objeto e escolher um nome para ela. Em seguida, distribua papéis coloridos e revistas e peça que os alunos procurem nesses itens cores similares àquela que pensaram. Converse com a turma sobre o material encontrado. Alguém conseguiu achar uma cor igual à que imaginou? Como a cor varia de acordo com o tipo de papel? Ao final da discussão, proponha a produção de uma colagem coletiva com os papéis selecionados, explorando a semelhança e o contraste entre as cores.

### 2. Construção de cor

Escolha duas cores primárias para trabalhar com a turma, como azul e amarelo, e peça que os alunos se organizem em duplas. Distribua para cada par dois pequenos potes com tintas dessas cores e peça que eles misturem lentamente uma cor à outra, até não poderem mais chamar aquele azul inicial de azul. Cada dupla deve escolher o ponto exato no qual parar. Após, compare as cores obtidas pelos alunos. Será que “azul” significa a mesma coisa para todos? Convide-os a pensar nos diferentes azuis presentes em seu dia a dia, como o azul do céu, o azul de uma piscina ou o azul de uma calça jeans. Quantas variações a turma consegue listar? Ao final da discussão, reúna os alunos em pequenos grupos e peça que eles realizem uma pintura coletiva a partir das cores produzidas em dupla.

### 3. Jogo de composição

Divida os alunos em grupos e distribua entre eles fitas adesivas. Pendure nas paredes da sala um pedaço grande de papel pardo para cada grupo formado. Se possível, adote medidas semelhantes às que Pasta utiliza em suas telas. A seguir, cada membro do grupo deve colar um pedaço de fita adesiva sobre o papel, de modo a dividir sua superfície. Fica a critério do aluno a escolha do tamanho, da posição e da direção da linha. Após todos realizarem a tarefa, o grupo deve escolher como preencher esses espaços. Eles podem utilizar tinta, tecido, papéis coloridos ou outros materiais. Se desejar, desafie-os com algumas regras, como utilizar apenas o preto e o branco ou não deixar cores complementares lado a lado.



Fundação **Iberê Camargo**

## Fundação Iberê Camargo

### Conselho de Curadores

Beatriz Johannpeter  
Bolívar Charneski  
Carlos Cesar Pilla  
Christóvão de Moura  
Cristiano Jacó Renner  
Domingos Matias Lopes  
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon  
Jayme Sirotsky  
Jorge Gerdaui Johannpeter  
José Paulo Soares Martins  
Justo Werlang  
Lia Dulce Lunardi Raffainer  
Maria Coussirat Camargo  
Renato Malcon  
Rodrigo Vontobel  
Sergio Silveira Saraiva  
William Ling

### Presidente do Conselho de Curadores

Maria Coussirat Camargo

### Presidente Executivo

Jorge Gerdaui Johannpeter

### Diretores

Carlos Cesar Pilla  
Felipe Dreyer de Ávila Pozzebon  
José Paulo Soares Martins  
Rodrigo Vontobel

### Conselho Curatorial

Fábio Coutinho  
Icleia Borsa Cattani  
Jacques Leenhardt  
José Roca

### Conselho Fiscal (titulares)

Anton Karl Biedermann  
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna  
Pedro Paulo de Sá Peixoto

### Conselho Fiscal (suplentes)

Gilberto Schwartzmann  
Ricardo Russowski

### Superintendente Cultural

Fábio Coutinho

### Gestão Cultural

Pedro Mendes

### Equipe Cultural

Adriana Boff  
Carina Dias de Borba  
Laura Cogo

### Equipe de Acervo e Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert  
Alexandre Demetrio  
Gustavo Possamai  
José Marcelo Lunardi

### Equipe Educativa

Camila Monteiro Schenkel  
Michel Flores

### Mediadores

Ana Carolina Klacwicz  
Bruno Salvaterra Treiguier  
Carolina Bouvie Grippa  
Carolina Sinhorelli  
Chana de Moura  
Fernanda Bastos Vieira  
Kelly Bernardo Martinez  
Luiza Bairoos Rabello da Silva  
Mailson Fantinel D'ávila  
Manoela Furtado  
Mateus Osório  
Maria Teresa Almeida Weber  
Paola Meyer Fabres  
Pedro Telles da Silveira

### Equipe Catalogação e Pesquisa

Mônica Zielinsky  
Clarissa Reschke Martins  
Lucia Marques Xavier

### Equipe de Comunicação

Elvira T. Fortuna  
Thaís Leidens

### Website

Lucianna Silveira Milani  
Helena Lukianski Pacheco

### Superintendente Administrativo/Financeiro

Rudi Araujo Kother

### Equipe Administrativa/Financeira

José Luis Lima  
Carlos Huber  
Carolina Miranda Dorneles  
Joice de Souza  
Kelly Frota  
Margarida Aguiar  
Maria Lunardi  
Ricardo Pfeifer Cruz  
Roberto Ritter  
Tássia Tavares da Silveira

### Assessoria de Imprensa

Neiva Mello Assessoria em Comunicação

### Consultoria Jurídica

Ruy Remy Rech

### TI Informática

Jean Porto

### Manutenção Predial

Top Service

### Segurança

Elio Fleury  
Gocil Serviços de Vigilância e Segurança

### Estacionamento

Safe Park

### Cafeteria

Press Café

### Loja

Loja da Fundação Iberê Camargo

### Material Didático Paulo Pasta. A pintura é que é isto.

#### Concepção

Camila Monteiro Schenkel  
Michel Flores

#### Concepção acessório

Adriana Boff  
Camila Schenkel

#### Textos

Camila Schenkel  
Michel Flores  
Kelly Bernardo Martinez  
Pedro Telles da Silveira

#### Projeto Gráfico e Diagramação

Portfolio Design

#### Tratamento de imagem

João Musa

#### Impressão

Impresul

#### Tiragem

400 unidades

Av. Padre Cacique 2.000  
90810-240 | Porto Alegre RS Brasil  
tel [55 51] 3247-8000

**Agendamento** tel [55 51] 3247-8001  
agendamento@iberecamargo.org.br  
www.iberecamargo.org.br

Saiba como patrocinar a Fundação Iberê Camargo, entre em contato: pelo fone (51) 3247.8000 ou pelo e-mail institucional@iberecamargo.org.br

Ministério da Cultura apresenta **Paulo Pasta. A pintura é que é isto**

Patrocínio



**GERDAUI**



de lage landen



**évora**  
holding company



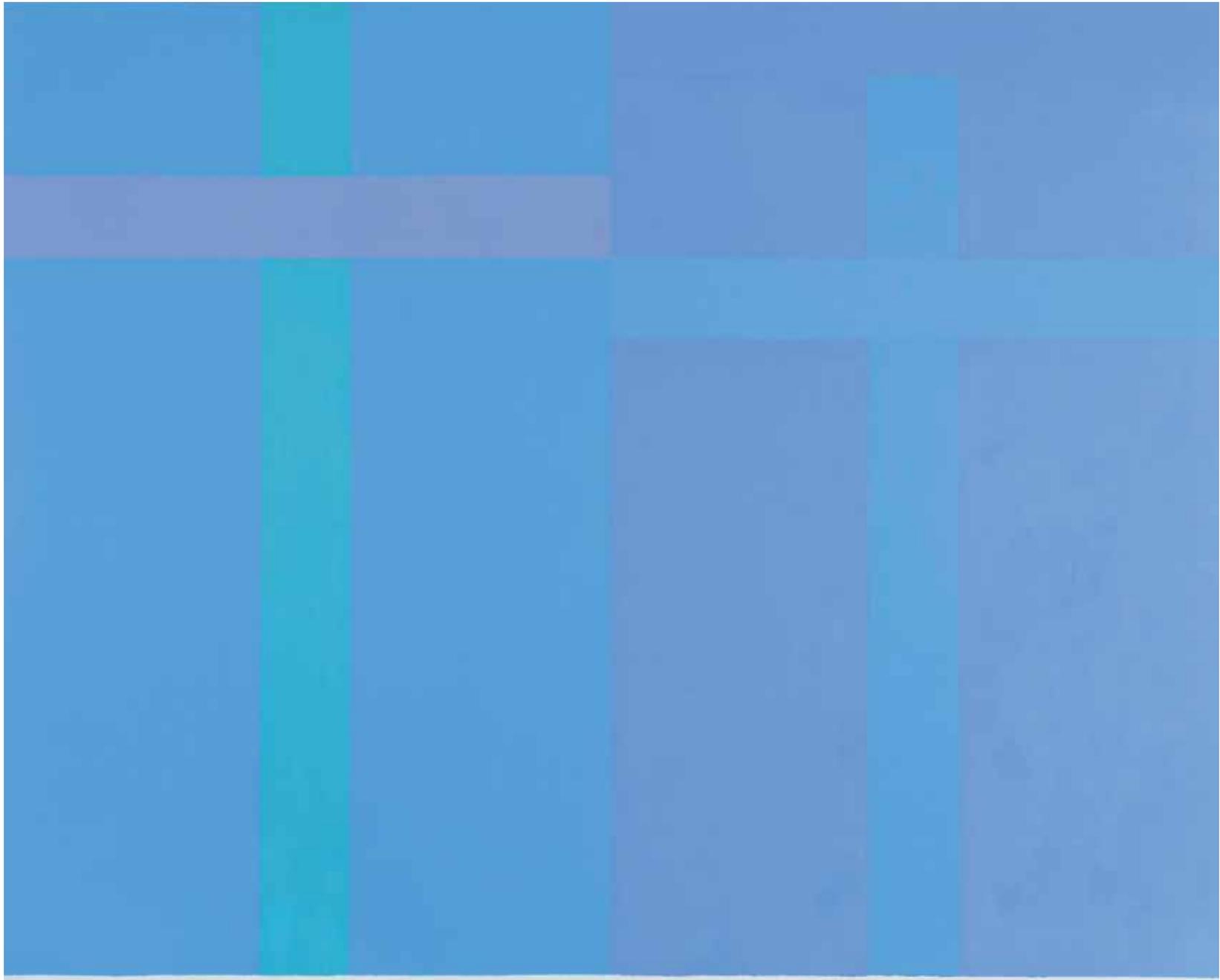
Apoio



Realização

Ministério da  
Cultura

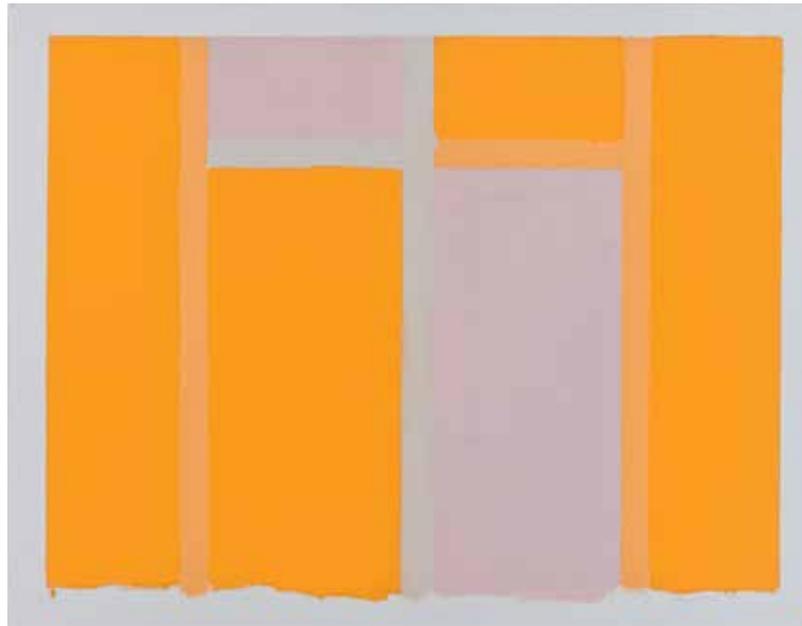




# Paulo Pasta

◀ *Quase nunca*, 2010  
óleo sobre tela  
240 x 300 cm  
col. Instituto Figueiredo Ferraz  
foto: Edouard Fraipont

sem título, 2012  
óleo sobre papel  
50 x 70 cm  
col. artista  
foto: João Musa



Em suas obras recentes, Paulo Pasta trabalha com faixas horizontais e verticais que remetem a cruzeiros. Posicionadas com o auxílio de fita adesiva, é a partir desses limites que o artista enfrenta a superfície de telas que chegam a ter mais de sete metros quadrados. A pintura, para Pasta, é uma forma de construir um lugar, um ambiente que se transforma conforme as variações de cor e de luz. “Gosto muito da medida, do limite, eu só me sinto de fato livre quando consigo escolher, quando consigo limitar. [...] Primeiro eu dissecó as coisas, depois vou trabalhar”,<sup>1</sup> explica.

Por outro lado, as combinações cromáticas criadas pelo pintor, marcadas por baixos contrastes e passagens suaves entre um tom e outro, acabam por tensionar os limites dessas divisões. Mesmo trabalhando com materiais inertes, Pasta cria a sensação de que áreas do quadro parecem pulsar para fora da tela, como se quisessem se espalhar pelo mundo.

1 PASTA, Paulo. “Um lugar para poder estar: entrevista a Nuno Ramos e a Rodrigo Neves”. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela pintura*. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 136.

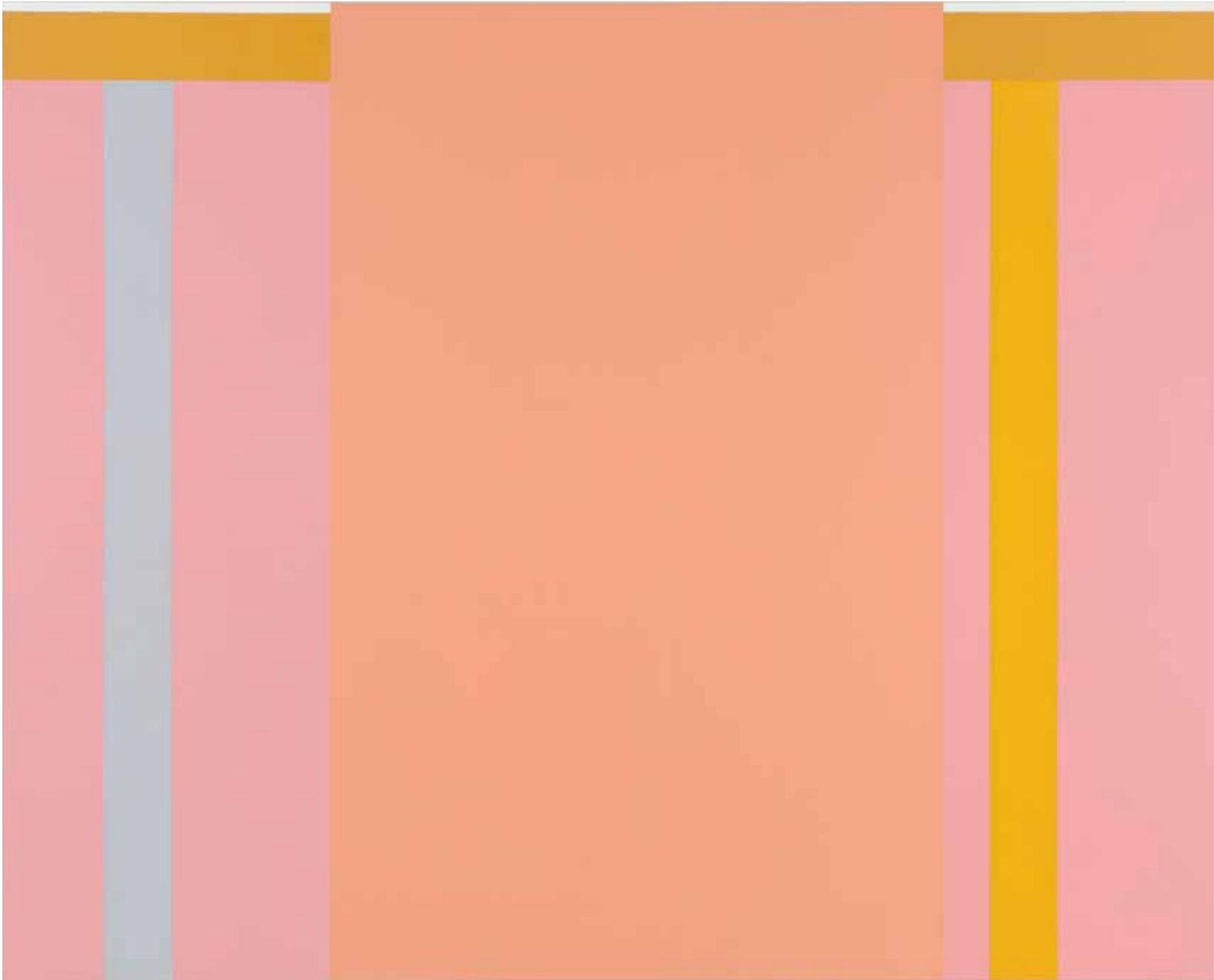
2 Termo surgido nos anos 60 para designar obras de arte que exploram recursos de ilusão ótica, desestabilizando o olhar do espectador pela criação da sensação de movimento.

## Para pensar

A pintura de Pasta apresenta muitas vezes cores que parecem flutuar. A partir de revistas e livros ilustrados, analise com os alunos como a combinação de formas e cores pode provocar a sensação de movimento. Procure trazer imagens *op art*<sup>2</sup> e ilustrações que misturem cores complementares.

Converse com os alunos sobre a importância de estabelecer limites para organizar seus próprios espaços. Quais são as regras que orientam a organização da sala de aula, por exemplo? Pense com a turma em como transformar, por um dia, a disposição dos objetos nesse local. De que maneiras essa alteração afeta a percepção do espaço e das atividades que ocorrem ali?

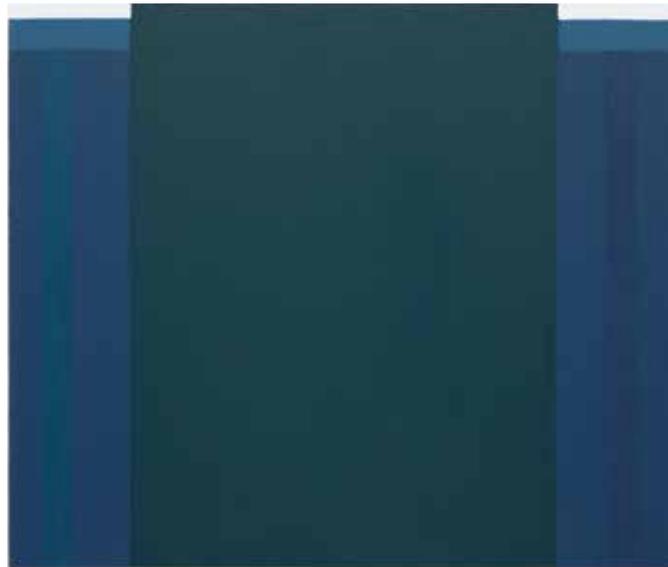




# Paulo Pasta

◀ *O Dia*, 2012  
óleo sobre tela  
240 x 300 cm  
col. artista  
foto: Edouard Fraipont

sem título, 2012  
óleo sobre tela  
50 x 60 cm  
col. artista  
foto: Everton Ballardin



Em sua pintura, Paulo Pasta não procura a cor das coisas do mundo, mas a cor que está no limite, prestes a se desfazer.<sup>1</sup> O artista nunca utiliza as tintas tais como são comercializadas. Antes de começar a pintar, chega a misturar até cinco cores distintas, para depois aplicá-las sobre a tela em diferentes camadas e gestos. A experiência é vital: “você vai pintando para ver”, diz Pasta.<sup>2</sup> Seu processo de construção, em algumas obras, inclui também a utilização da cera, que tira o brilho do óleo, dando “lentidão” para a cor. O trabalho de acrescentar e testar misturas dá origem aos tons impuros e únicos que caracterizam sua pintura.

Por vezes, as composições do artista podem parecer à primeira vista pinturas monocromáticas. Ao olharmos seus quadros com atenção, no entanto, percebemos como uma cor conhecida pode dar origem a uma multiplicidade de tons. É por meio desse desdobramento da cor que estruturas simples como retângulos, faixas verticais e horizontais podem gerar resultados completamente diferentes.

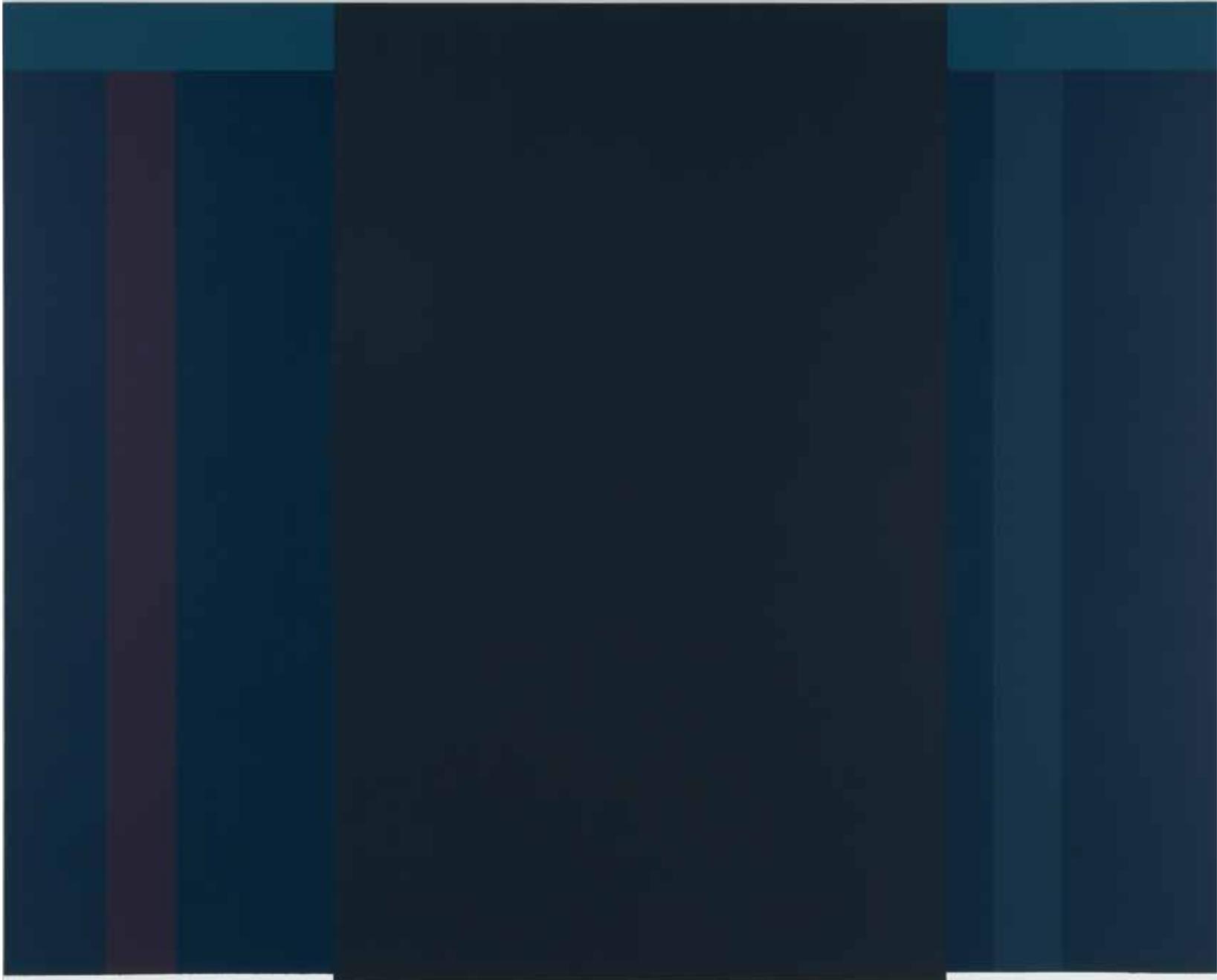
1 PASTA, Paulo. “Um lugar para poder estar: entrevista a Nuno Ramos e a Rodrigo Neves”. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela pintura*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

2 In: A COR da criação: Paulo Pasta. Material educativo para professor-propositor. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2006, p.06.

## Para pensar

Converse com os alunos sobre a formação e a organização das cores. Eles conhecem as cores primárias e secundárias? Sabem quais são as complementares? Já fizeram a experiência do círculo de cores? Proponha aos alunos que tragam de casa pedaços de papel ou tecido de diferentes cores. Coloque esse material no centro da sala e peça a eles que pensem em uma forma de organizar as amostras a partir das semelhanças e diferenças de cor.



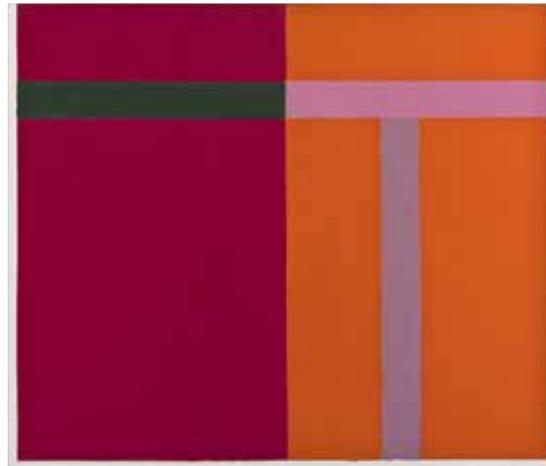


# Paulo Pasta

◀ *A noite*, 2012  
óleo sobre tela  
240 x 300 cm  
col. Instituto Figueiredo Ferraz  
foto: Edouard Fraipont

*Viga púrpura*, 2010  
óleo sobre tela  
50 x 60 cm  
col. Andrea e José Olympio Pereira  
foto: Rômulo Fialdini

*Cruz púrpura laranja*, 2010  
óleo sobre tela  
50 x 70 cm  
col. Andrea e José Olympio Pereira  
foto: Edouard Fraipont



Sob o impacto das transformações da vida moderna, entre elas a invenção da fotografia, a pintura da primeira metade do século XX foi marcada pelo afastamento da ideia de representação. As correntes abstratas, ora com mais ênfase na subjetividade do artista, ora no rigor matemático, propuseram novas formas de pintar. Artistas como Wassily Kandinsky, Paul Klee e Piet Mondrian chegaram, de modos diferentes, a produções que, em vez de reproduzir a realidade, se assumiam como tinta sobre tela. Ver um quadro, a partir de então, passou a exigir mais do que reconhecer a aparência de algo, mas relacionar-se com a forma e a cor a partir de seu impacto em nossa sensibilidade.

O trabalho de Paulo Pasta dialoga com essa tradição, cem anos mais tarde, procurando seu próprio caminho. Desde os anos 90, o artista utiliza em sua pintura formas similares a cacos, piões, ampulhetas, colunas e vigas. Seu interesse, no entanto, não está em representar objetos, e sim em construir relações por meio da cor, tecendo o espaço no qual essas figuras se inserem. São formas simples que se repetem ao longo de séries inteiras, mas com variações cromáticas que tornam cada tela única. “Acho que eu pinto esquemas, eu não sou um abstrato. Eu construo um lugar a partir de formas esquemáticas que eu vou desdobrando no próprio trabalho”, explica o artista.<sup>1</sup>

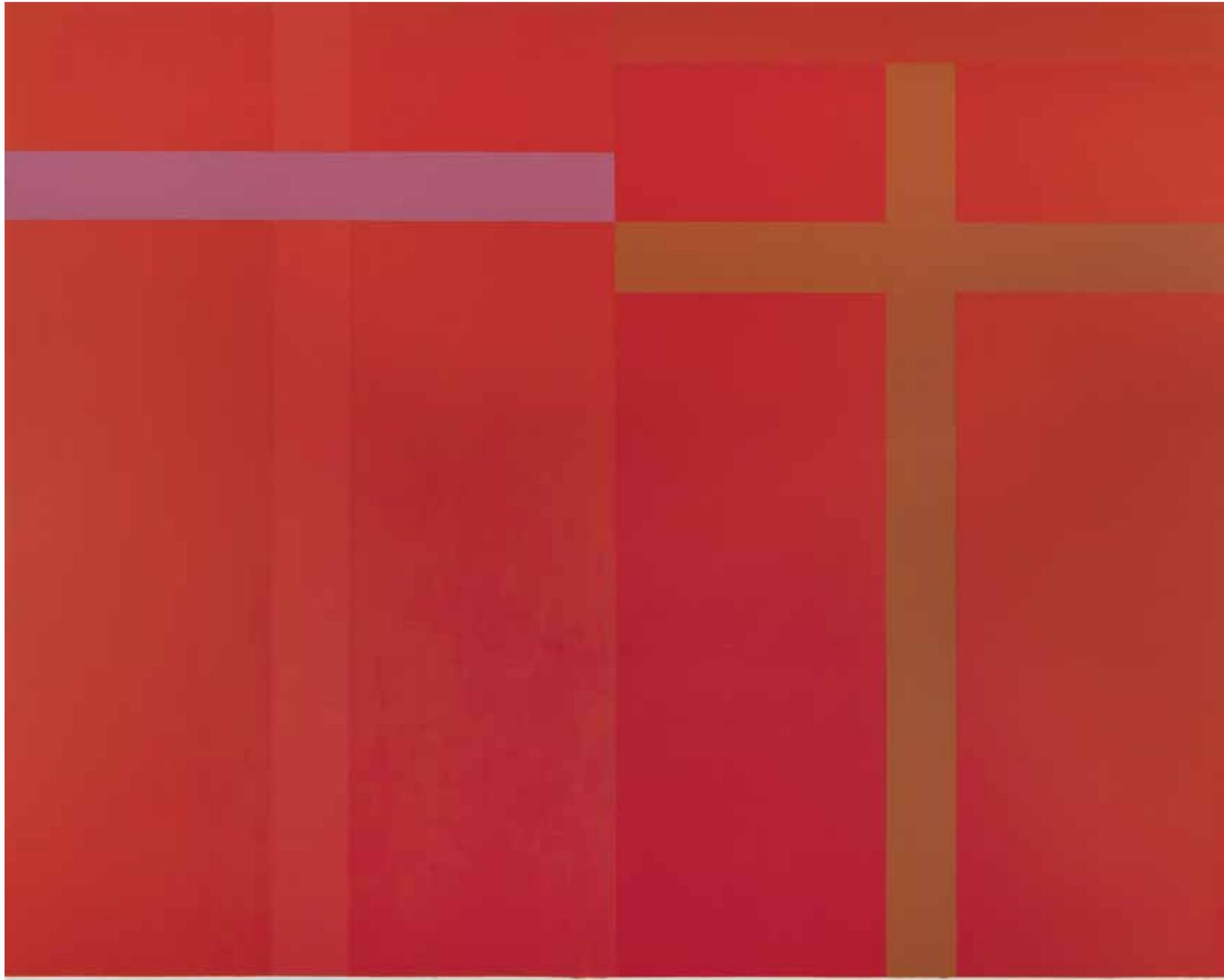
1 PASTA, Paulo. “Contida desmesura: entrevista a Ana Calzavara”. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela pintura*. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 157.

## Para pensar

O título, elemento que evoca ideias e conteúdos, é frequentemente deixado de lado em pinturas abstratas. Paulo Pasta, no entanto, nomeia parte de suas obras. Discuta com a turma sobre os títulos presentes nas lâminas do material didático. Como podemos relacioná-los às pinturas de Pasta? Como eles afetam o modo como vemos seus trabalhos?

Converse com a turma sobre relações possíveis entre cores e sentimentos abstratos. Que cores eles associam à alegria, ao cansaço, à surpresa ou ao medo, por exemplo? Por quê? Todos alunos têm a mesma opinião?





# Paulo Pasta

◀ sem título, 2012  
óleo sobre tela  
240 x 300 cm  
col. MAC/USP doação do artista  
foto: Rômulo Fialdini

sem título, 2010  
detalhe da obra  
óleo sobre tela  
50 x 70 cm  
col. particular  
foto: Rômulo Fialdini



A pintura, meio privilegiado pela história da arte desde o Renascimento, enfrentou, a partir da metade do século XX, uma série de questionamentos. A produção dos anos 60 e 70 criticou a tradição artística e suas instituições, procurando ampliar o repertório da arte e aproximá-la da vida cotidiana. Muitos artistas desse período<sup>1</sup> priorizam ideias e processos em vez de objetos acabados, produzidos no isolamento do ateliê para depois circularem apenas em museus e galerias. Chega-se a falar, inclusive, em uma morte da pintura.

Paulo Pasta inicia sua carreira na década de 1980, momento no qual há uma retomada da pintura tanto no cenário artístico internacional quanto no brasileiro. Essa renovação, no entanto, relaciona-se com as transformações ocorridas não apenas no campo artístico, mas nos processos mais amplos de produção, reprodução e circulação de imagens. Atualmente, a pintura reencontrou seu espaço no campo da arte, seja como elemento para a combinação com outras técnicas artísticas, seja reafirmando “aquilo que [ela] vem sendo há séculos (pigmento aplicado a uma superfície bidimensional), sem perder sua potência e significação”.<sup>2</sup> Frente a essas possibilidades, a pintura mantém sua relevância ao se relacionar com a mais contemporânea das perguntas: qual a natureza da imagem artística hoje?

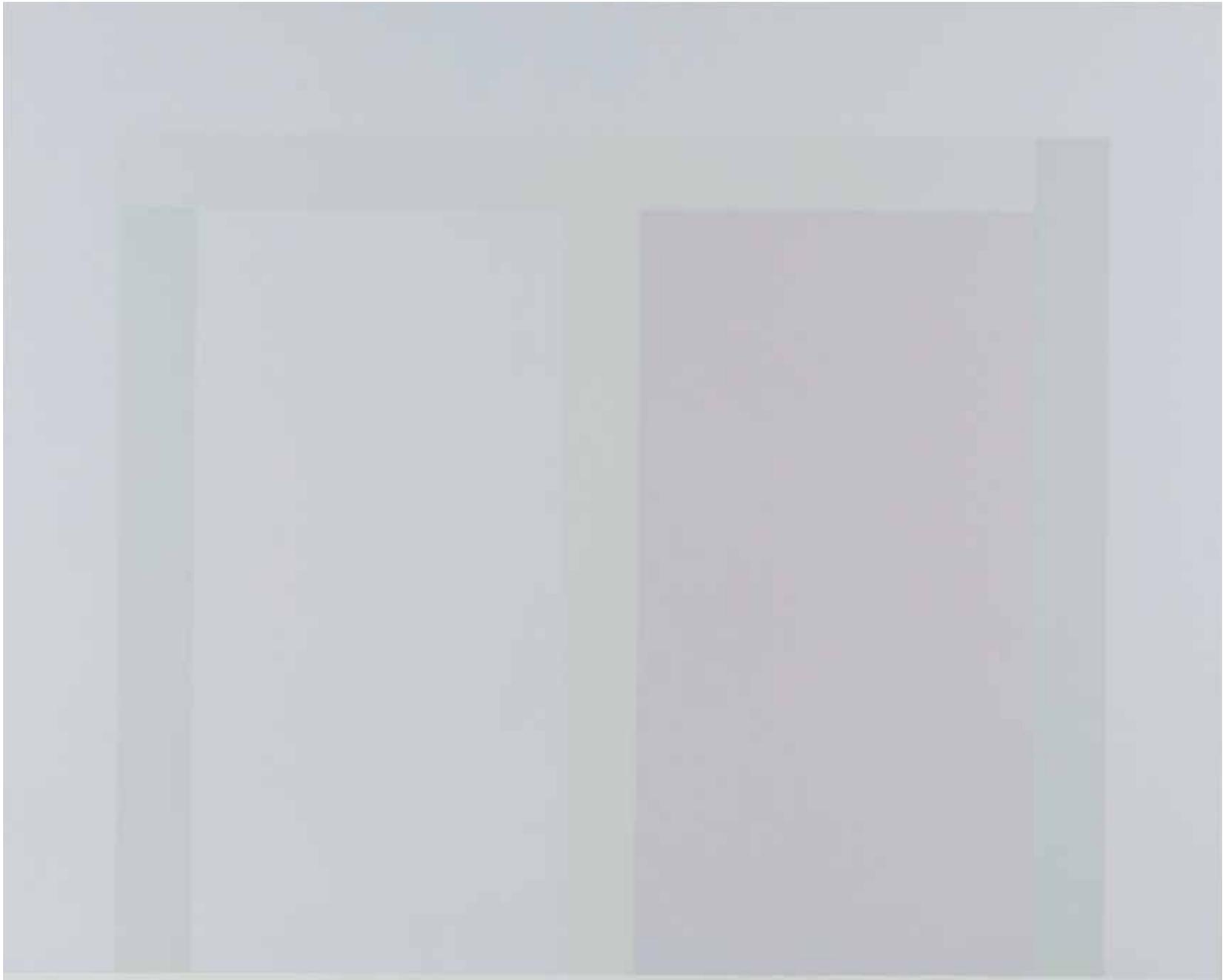
1 A arte conceitual e a performance são exemplos dessa produção “desmaterializada”.

2 CHIARELLI, Tadeu. *Paulo Pasta: a pintura é que é isto*. Porto Alegre, Fundação Iberê Camargo, 2013, p. 13.

## Para pensar

Vivemos em um mundo cada vez mais saturado de imagens. Ao longo dos últimos séculos, a pintura passou a conviver com outros meios de produção de imagens, como a gravura, a fotografia, o cinema e o vídeo. Cada uma dessas imagens, porém, possui características próprias. Algumas, como a gravura e a fotografia, são mais facilmente reproduzíveis; outras, como o desenho, não. Elas também dependem de diferentes materiais e técnicas para serem criadas. Uma pintura, por exemplo, pode ser feita com diversos tipos de tinta sobre superfícies como a tela, o papel e a parede. Mas e um vídeo? Qual é seu material? Proponha que os alunos se reúnam em grupos e investiguem a história e as características de cada uma dessas técnicas artísticas. Ao final da pesquisa, peça que eles façam um exercício poético com a linguagem que estudaram.



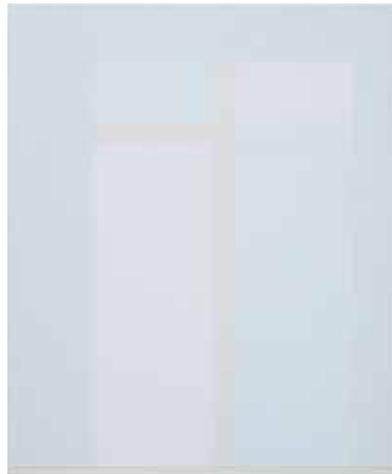


# Paulo Pasta

## ◀ *O fim da metade é o começo do meio*, 2012

óleo sobre tela  
240 X 300 cm  
col. artista  
foto: Edouard Fraipont

sem título, 2012  
óleo sobre tela  
60 x 50 cm  
col. artista  
foto: Everton Ballardin



Ao escrever sobre sua relação com o desenho e a pintura, Paulo Pasta ressalta que a palavra “temporalidade” seria a que melhor marcaria a diferença entre essas duas poéticas em sua obra.<sup>1</sup> No trabalho do artista, o desenho (ou a pintura sobre papel) é mais rápido e mais preciso, enquanto a pintura sobre tela é mais sedimentada, tem uma maior duração. Trabalhando apenas em um quadro por vez, é no *ato de pintar* que a pintura de Pasta se constitui. A partir dessa experiência, o tempo se acumula a cada camada, gerando um afastamento daquilo que inicialmente fora projetado ou desenhado. “Tenho uma projeção. Tenho uma vontade. Eu vou lá, mas o trabalho não vai para o lugar em que eu projetei a minha vontade; vai para o lugar onde sempre esteve”, explica Pasta.<sup>2</sup>

Um tempo prolongado também marca a experiência de quem observa as obras do artista. Em suas telas sem sombras ou perspectiva, os contornos quase desaparecem. A sutil oposição entre fundo e forma só se revela perante um olhar demorado. É preciso tempo e atenção para perceber as variações da cor, das camadas de tinta e das pinceladas do artista. Como coloca Lorenzo Mammì, “A pintura não constrói objetos: constrói visões. O ato de ver, que é passivo e quase involuntário, torna-se um fazer”.<sup>3</sup>

1 PASTA, Paulo. “Por que desenho”. In: \_\_\_\_\_. *A Educação pela Pintura*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 101.

2 PASTA, Paulo. “Contida desmesura: entrevista a Ana Calzavara”. In: *A Educação pela Pintura*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 156-157.

3 MAMMÌ, Lorenzo. “Paulo Pasta”. In: CHIA-RELLI, Tadeu; et al. *Paulo Pasta*. São Paulo: Cosac Naify, Pinacoteca, 2006, p. 32.

## Para pensar

Em nosso cotidiano estamos acostumados a perceber as imagens rapidamente. Quando vemos uma placa de rua com um sinal de trânsito ou um *outdoor*, por exemplo, logo entendemos sua mensagem. Esse tempo tão curto é suficiente para a percepção de obras de arte? Discuta com seus alunos sobre a diferença entre o tempo necessário para perceber cores e formas quando, por exemplo, vamos ao supermercado, e o tempo que demoramos para perceber as cores e formas presentes na pintura. Eles já viram uma pintura *ao vivo*? Como essa experiência se diferencia de ver reproduções no computador ou em livros?

